

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O CONTESTADO

Mauro Araujo de Sousa

Mestrando do Programa de Ciências da Religião da PUC-SP

Resumo: As considerações do texto expressam uma releitura a respeito da “Guerra do Contestado”, contextualizada na zona serrana de Santa Catarina; a região contestada era uma área de disputa entre os estados do Paraná e Santa Catarina. Os combates, que duraram quatro anos, (1912 a 1916) foram a resposta dos sertanejos a uma ordem social injusta ou a uma “desordem”. O artigo pretende olhar o universo mítico-simbólico do ponto de vista das Ciências da Religião, portanto não preconceituoso, para um resgate hermenêutico do ponto de vista sociorreligioso. Além disso abre campo para analogias que contribuem para o entendimento da obra básica de Duglas Teixeira Monteiro, Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado.

Palavras-chave: Contestado; milenarismo e salvacionismo; contexto sociorreligioso; carisma; mito e ritual; símbolo.

Abstract: The considerations of the text express a new reading regarding the “Guerra do Contestado” (“War of the Contested”): that occurred in the mountainous zone of Santa Catarina; the contested area was a dispute area between the states of Paraná and Santa Catarina. The combats, that lasted for four years — from 1912 to 1916 — were an answer of the country ones to an unjust social order, or a “disorder”). This article intends to appreciate the mythical symbolic universe from the point of view of the Sciences of Religion (therefore non prejudiced) for a consideration of interpretations from the social-religious point of view. Besides, its analogies that contribute to the understanding of the basic work of Duglas Teixeira Monteiro: “Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado” (“The wandering of the new century: a study on the millenary outbreak of the Contested”).

Keywords: Contested; millenarism and salvationism; social-religious context; charisma; myth and ritual; symbol.

Introdução

“Contestado” foi o nome dado a uma disputa entre os estados de Paraná e Santa Catarina no período de 1912-1916. Como o estado do Paraná passou somente a existir a partir de um desmembramento do estado de São Paulo, surgiu uma região, fronteira com Santa Catarina, rica em madeira e erva-mate.

Os sertanejos habitantes desta região viram-se no meio de uma disputa entre os dois estados, Paraná e Santa Catarina. Além disso, com a instalação das companhias de “colonização” para a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande do Sul e das grandes madeiras, estes sertanejos — alguns pequenos posseiros, outros subordinados aos “coronéis da roça, os mandões políticos” (Monteiro, 1974, p. 20) — viram a ameaça de destruição de seu mundo aumentar.

Por outro lado, a velha ordem existente na maneira de viver dos coronéis também foi abalada. Surgiu neles uma ambiguidade entre o mando, em relação aos sertanejos, e a subordinação frente às novas forças espoliadoras, endossadas pela República e seus aliados.

A resposta dos caboclos ao que foi vivenciado como desordem foi a busca de uma nova ordem, por eles denominada de “Lei de Deus”, uma espécie de monarquia celeste, para um ordenamento do caos. Os sertanejos foram considerados fanáticos pela ordem republicana.

Maria Isaura Pereira de Queiroz, assim como Duglas Monteiro e outros historiadores, estudou o Contestado como tendo sido uma manifestação de messianismo e milenarismo. Monteiro apontou para a diferença entre sagrado, profano e secular. Para ele a questão dos sertanejos não estava na dicotomia entre sagrado e profano, e sim entre o sagrado-profano e o secular; este último representando toda a ordem republicana que veio destruir a forma de religiosidade dos caboclos.

Os sertanejos criaram uma espécie de solução, do ponto de vista sociorreligioso, à ameaça secularizante da República e à exploração sofrida em mãos das diversas forças de dominação na área.

O objetivo deste artigo é de resgatar a rica dimensão do acontecido, pois catalogá-

los de messianismo e de movimento milenarista pode criar uma espécie de “nebulosa”, que impede uma visão mais aprofundada do fenômeno. Deste modo fica aberto neste pequeno estudo um espaço para problematizações.

Desencantamento e reencantamento do mundo

Questões de matriz weberiana, como desencantamento, reencantamento do mundo, estão presentes na obra de Duglas Teixeira Monteiro. Do ponto de vista social e religioso, o compadrio de antes do conflito selava uma relação entre os diferentes, no caso, coronéis e sertanejos, pela superação da “menoridade social”. Aparecia a “consciência niveladora”, que possibilitava um sentimento senão de igualdade, pelo menos de aproximação (se bem que é sabido do caráter de controle que a mesma consciência exercia no grupo); por outro lado, com as mudanças das regras, uma nova forma de exploração que acaba com a pseudo-ordem antes estabelecida, remete a “consciência niveladora” para sua real dimensão, acabando por revelar a questão fria do mando e da troca de favores. Isso indica uma quebra de “encantamento velado” e, por conseguinte, uma desestruturação pessoal e, novamente, social. Era, portanto, necessária para a população (não somente cabocla, embora prioritariamente) uma reorganização, que numa outra relação, intraclasses, favoreceria uma maior coesão junto ao fator unificador: o religioso, mesmo porque este gerava um “estado de ânimo” maior e mais seguro, pois era sagrado (o sobrenatural) e estava, ao mesmo tempo, acima de tudo e de todos e, em particular, presente na Irmandade do Contestado, formado pelo grupo de sertanejos rebeldes.

Neste estágio a figura do monge é primordial, assim como a consequente ligação espiritual continuada pelo compadrio intraclasses. No reencantamento o líder carismático é o humano, apossado pelo sobrenatural ou a serviço deste, sendo o mesmo valorizado pelo teor mágico. O carisma permite a renovação da tradição cristã entre os caboclos. É uma força organizadora.

Deste modo toda a liderança religiosa passa a indicar, pelo poder reconhecido, em si, pelos outros, outras lideranças. Isto acontecia nos “redutos rebeldes”. Surge a busca

pele estado de espírito duradouro, no ritual renovador das “formas” explicadas por Duglas Monteiro, isto é, o rito é o meio, não o fim. Existe também a exaltação do sentimento e da devoção, um comportamento necessário para a mesma finalidade: a vida santa. A ascese não estava descartada, porque garantia o controle sobre os impulsos desestabilizadores da “nova ordem”. Tal conduta oferecia segurança em todos os níveis. A trilogia devoção, fé e êxtase era a garantia no caminho da salvação em relação ao velho século. O que passa a valer é a regra sagrada do grupo na construção do novo mundo.

Lembrando Barabas: “...la religión como gestora de la acción social... aglutinadora de coletividades que buscan la concreción de expectativas utópicas (futuros posibles) de liberación...” (Barabas, 1991, p. 7). Nesta parte estão expostas as alianças possíveis contra o poder secular estabelecido. Duglas esclarece isso, escrevendo a respeito do sagrado contra esse secular.

É interessante notar, também, uma tríade no processo de afirmação sagrada: a destruição, a regeneração e a salvação. Nisso existe a formação de uma «comunidade dos eleitos». Um intercâmbio entre o antigo estado e o novo. Pode-se afirmar que “.../os movimientos socioreligiosos encuentran sustento en cosmovisiones religiosas...” (Barabas, 1991, p. 17). Tem-se o mito como elemento unificador, além dos aspectos salvacionista e milenarista, em que a tônica é o fim do mundo conhecido e o início de uma realidade nova.

É bom ressaltar que nesta visão existe também uma circularidade cultural, pois o sincretismo está presente, e, de certo modo, os messianismos trazem-no em seu bojo. E, neste aspecto, o mito não é suplantado pela razão dessacralizadora. Roger Bastide, neste campo e em seus estudos sobre Brasil e América Latina, abordou tais relações entre messianismo, mito, utopia, fome e desenvolvimento econômico. Lembrando outra vez: a utopia sempre cabe aqui como futuro possível, e não em sua função etimológica de “lugar nenhum”, irrealizável. Ela é necessária e mantenedora da esperança num contexto desesperançoso.

Nesta visão os mitos nunca morrem, apenas se transformam e assim continuam para servirem de base a este ou àquele contexto em sua nova interpretação. Assim foi com “os errantes do novo século”, quando também, lembrando Weber, a ética reguladora do

universo religioso contribuiu muito para a reorganização social. Para Weber, a possibilidade de libertação vem do termo renascer; ora, isto é forte no Contestado, pela convicção ética.

Já Troeltsch trabalha bastante com a questão dos sonhos, aparecendo como possibilidade profética e de revelação, dentro do universo místico. Isto aparece muito no Contestado, porém mais na versão de visões como as da virgem Maria Rosa, vidente e uma das lideranças do movimento que emanavam ordens em tons proféticos.

Outro assunto que se pode abordar numa leitura troeltschiana é a experiência mística como experiência fundante. Além disso o estudo da dimensão de seita como aquela que trabalha a recuperação da tradição pode incluir a organização da Irmandade. E mais, este autor também coloca a dimensão de Igreja como comunidade, aspecto de identidade do grupo, o que, por sua vez, está presente na “Santa Irmandade” aqui estudada. Logo, o sentido religioso do Contestado se completa sob as teorias de Troeltsch, no que diz respeito aos termos reinterpretar e reviver, fortemente presentes também nas explicações da tese de doutorado de Monteiro (seu próprio livro em questão). A grande “lógica da religião”, no caso, vem a ser a mística; muito viva na tradição dos monges caboclos e de seus seguidores. A experiência religiosa na referência troeltschiana é marcante.

Como conclusão desta parte é interessante notar que a reflexão acompanhou o sentido mais de convergência, através das diferentes análises, no intuito de uma estar completando a outra para o enriquecimento de uma visão mais ampla do Contestado em suas diversas modalidades.

A presença da “Cruz”

É interessante notar os diversos valores implícitos na cruz e a força que daí suscitava. Por exemplo: morrer em luta garantia um lugar no Paraíso, pois seria martírio em nome das representações expressas na cruz. A ressurreição fazia parte do processo, num olhar cristianizado. A própria organização dos “Pares de França” (elite de combatentes) e outras organizações sugerem que os ideais da cavalaria medieval se faziam presentes: eram, de certa forma, “as cruzadas”. Há ligação, aí, com a “Guerra Santa”. Além disso, a ordem não significaria, por enquanto, a paz, mas a reestruturação da comunidade, pois o presente era uma degeneração dos tempos da monarquia, e, contra a república, a “nova monarquia”

seria melhor; isso fica claro na “Carta de Jesus Cristo para dar Conselho aos Errantes do Novo Século” (Monteiro, 1974, p. 117). O uso da cruz, em tal contexto, traz a conotação de resgate, ou seja, por ela o mesmo é possível, o sacrifício, assim, vale a pena.

Ainda mais que isso, a utilização das cruzes fincadas nos cantos do “quadro santo” — lugar onde eram realizadas as “formas” (rituais de reforço e purificação) — emanavam o sentido do sagrado, necessário para revitalizar e “limpar” os membros da “Santa Irmandade”.

Contudo a cruz ia além em seus significados: como fator de coesão de valores tornava a comunidade alegre (exemplo: a festa e o sagrado). Se existia o tempo de “angústia” (festa séria nas cerimônias das formas), existia depois o tempo de alegria (outra faceta da festa). A cruz aí era posta para a salvação coletiva possível no profano. Todos os ritos eram, assim, expressões da “presença real e atuante do Sagrado”.

Outro momento de leitura da cruz está no “Exército Encantado de S. Sebastião” em que os ressurrectos estariam presentes. Haveria uma “parada no tempo”, pois pela cruz se vence a morte.

A cruz salienta em diversos casos a possibilidade de expiação, ou seja, a possibilidade de acesso ao Reino. E mais: o sinal da cruz demonstraria que a violência na “Guerra do Contestado” não era por si e em si, mas uma violência santa (a dos fiéis contra a dos ímpios) e, portanto, plenamente justificável.

Outra coisa interessante: os monges eram “plantadores de cruzes”, pois, além da significação de novas conquistas religiosas, eram elas o marco para uma renovação, além de possibilitar o surgimento de rituais à sua volta e o despertar do culto da Santa Cruz, o qual persiste. É forte o ponto de referência dos chamados “cruzeiros”; referência esta que marca uma possibilidade de passagem do profano ao sagrado, porque o primeiro é expiável.

Assim, terminando esta outra reflexão, mas não encerrando o espaço de interpretações, é possível elencar os valores salvacionistas impregnados na cruz e toda decorrência daí originada: coragem, expiação, vitória, sofrimento, alegria, esperança, fé, consagração, e seguramente muitos outros.

Das características batismais

O batismo sempre foi a senha de entrada para o mundo espiritual; no entanto, inicialmente, apesar de estar presente no imaginário de uma maneira circular entre as

classes, aproximava os desiguais num favorecimento da manutenção e do fortalecimento das desigualdades, em uma espécie de laço de fidelidade entre as partes. As duas práticas essenciais eram lealdade e retribuição (afilhados, padrinhos e compadres).

No Contestado estava presente o exercício do duplo batismo: um, como necessidade primordial de integração — não era possível esperar tanto pela figura do frade ou padre, escassa, no mundo dito “rústico”, segundo Monteiro. E o batismo da Igreja, que ainda era o que “legalizava” a situação. Era o lado do reconhecimento oficial (o endosso). O chamado “batismo doméstico” era comum em primeira instância, mas não primazia canônica; conforme o Catecismo Romano, só em caso de urgência.

A situação se inverte totalmente quando o tornar-se batizado pelo “monge” é que era sinônimo de uma estreita relação com o sagrado. O monge era o profeta da região. Estava presente também a forte influência mística emanada dele e em torno dele. Concedia uma “verdadeira aura”. Tanto que,

em 1897, Frei Rogério Neuhaus, o franciscano que maior contato teve com paroquianos do sertão, encontrou dificuldades em batizar rapazes de 10, e até de 12 anos de idade, que “nem sequer tinham sido batizados em casa porque os pais estavam à espera do “monge”. Portanto, já era fato a inversão da “autoridade oficial” (Monteiro, 1974, p. 59).

A disputa do Frei Rogério com o “monge” João Maria, em 1897, revela o nível do conflito do qual o segundo sai vencedor e, apesar de tudo, respeita o frade. Porém, não lhe é submisso porque ele opera a favor dos “infiéis”.

O compadrio intraclasse tomava lugar com um conteúdo coletivo de renovação. “De um rito de significação limitada aos grupos domésticos, passava-se para um rito que afetava toda uma região” (Monteiro, 1974, p. 71). O batismo pelo monge atacava a “ordem social do velho século” e entrava, ao mesmo tempo, numa relação conflituosa com a Igreja (a oficialidade religiosa).

Conclusão

Com o intuito de alcançar um estudo que propõe um pensar criticamente os esclarecimentos propostos nestas reflexões, é que fica a deixa para o diálogo sobre o

Contestado continuar presente na realidade que lhe é apropriada: social-religiosa.

Por este viés, a possibilidade de um trabalho com a memória evoca a dimensão de outras tantas situações brasileiras, que não devem ficar à mercê do descaso.

E o fruto desta disposição de olhares vivificantes, sem dúvida, está presente numa História da Religião na América Latina, com recorte especial para o Brasil.

Referências Bibliográficas

BARABAS, Alicia M. *Reflexiones sobre mesianismo*, Movimientos socioreligiosos y ciencias sociales. Religiones Latinoamericanas. El mesianismo contemporáneo en América Latina. México, v. 2, julio-diciembre, 1991.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974.

TROELTSCH, Ernst. *The social teaching of the Christian churches*. Westminster John Knox Press, v. 1, 1992.